

Os Dezoito do Forte

Por Scharffenberg de Quadros

I

— Eles eram dezoito... Os mais partiram
Ponto que a causa, enfim, viram perdida.
Eles — dezoito apenas — preferiram
Ficar, quando ficar custava a vida...

— Eles viram partir seus companheiros
Ansiosos de viver!
Em vez de censurá-los altaneiros,
Preferiram morrer...

Preferiram ficar em seu reduto,
O coração sereno, o ânimo afoito,
Jnídos nesse bando resoluto
Dos últimos dezoito...

Os mais, da guarnição, abandonaram
Trincheiras e canhões, torres e valos;
Só eles os seus postos conservaram.
— Que baixeza, insultá-los!

— Eles eram tão moços. E, lá fora,
O mundo, a vida, o amor, tanta ilusão
Que anseios de viver, de se ir embora,
Cada um não sufocou no coração!

Por que, enfim, esse gesto? essa vergonha
Da derrota, afinal?
Ah, brava mocidade, que ainda sonha
E morre pelo Ideal,

Quando o tempo que passa é só de egoísmo,
Dos que buscam subir, galgar aos trancos,
Do interesse arrastando ao tórrido abismo
Os seus cabelos brancos!

Quando todos, os traíndo, demandaram
Da existência afrontosa os vãos regalos,
Só eles, mais que a vida, a honra amaram...
— Que vileza, insultá-los!

Poetas e heróis, à hora derradeira,
Como uma só mortalha ter quiseram,
Tomaram, soluçando, da bandeira
E em dezoito pedaços a fizeram...

E, enquanto cada qual, com terna unção,
Cingia a insignia bela,
Como a gritar-lhe à Pátria o coração
Que ia morrer por ela,

— (o) —

Na sua punha um deles a alma inteira:
"Adeus, queridos Pais! que, em despedida,
"Vos beijo neste canto da bandeira
"Por quem dei quando pude... a minha vida!"

E eles foram lutar em campo aberto,
O peito, não de ferro, mas de ralos
Pedaços da bandeira só coberto...
— Que torpeza, insultá-los!

Foram, sim, mas tão belos, tão risonhos,
Quais bravos paladinos de outras éras,
Oferecer à morte os pobres sonhos
De suas infelizes primaveras!

O mar, o céu, a terra lhes sorriam...
Por suas pobres vidas,
A cada passo, ansiosas, lhes pediam
As coisas conhecidas...

Foram, sim — ó visão de tal momento! —
Serenos corações, espadas nuas.
Ao encontro de todo um regimento,
Cantando pelas ruas...

Foram, sim — E, ao fulgor primaveril
Que os sabres lhes rodeava de áureos halos,
Bateram-se, dezoito, contra mil...
— Que vergonha, insultá-los!

Bateram-se... minutos? meia ou uma hora?
Quem sabe? Enquanto tinham munições,
Atiraram; depois, saltando fora
Da trincheira, lutaram como leões,

Corpo a corpo, entre mandos, entre apôdos,
Entre estampidos e ais,
Até que, de um em um, caíram todos,
Mortos — mas imortais!

Todos, não. Um, de pé, restava ainda.
Era o último titã. Olhando em volta,
Vendo mortos os seus e a luta finda,
Ei-lo que o sabre solta.

Rompe o dolma, aponta o coração
E aos algozes dizendo, a desafia-los:
Atirem, seus... rolou, varado, ao chão...
— Não, não se há-de insultá-los!

— x x x —
Soldados do Brasil, lançarei por vossas mãos
As flores da saudade às suas sepulturas...
E vós, do oceano em meio às noites mais escuras,
Marujos do Brasil! lembrai vossos irmãos...

Qualquer que tenha sido a causa defendida,
Se o foi sinceramente, acatai-a, Soldados!
Mais nobre que coroar heróis afortunados,
É exaltar o que deu, por seu Ideal, a vida...

— Eles dormem, agora; e, ao longe, sobre aquêles
Que os venceram, no forte, adeja outra bandeira
Por que aquela que os viu, à hora derradeira,
Lutar, morrer por ela, essa morreu com eles...

Perversos? Isso, não! Mas Bravos lidadores
Que tinham dentro em si, aberta tóda em flor,
A alma da mocidade a lhes sorri amor,
A lhes brilhar de fé nos olhos sonhadores...

Perversos? Não, jamais. Soldados, atenção,
Quando era mais completa, a guarnição do forte
Reuniu-se, certa vez, a discutir a sorte
Da praça; e já fatal se via a rendição,

Quando esse que depois os comandou na luta,
De súbito se ouviu: — Isso, nunca! — exclamar;
— O forte não se rende; antes fazê-lo voar!
E, em meio da mudez da guarnição, que o escuta,

Tomando de um papel torce-o, chega-o à chama,
Acende-o como um facho e, esplêndido de heroísmo,
Génio, arcanjo da guerra iluminando o abismo,
Em busca do paiol, parte, agitando a flama...

Mas eis que o desespere em torno dê arrocha
Os dois braços de um pai que, desvairado, geme:
— Os meus filhos! Piedade! — e, à sua voz, que
treme,
Treme do herói a mão e cai-lhe aos pés a tocha...

Inda hesita; mas logo, o olhar posto lá fora,
Lembrando-se, também, de um ente bem amado
— Sim — diz — tendes razão. Eu fico. Ide... Ide
embora...

Soldados do Brasil! lançai por vossas mãos
As flores da saudade às suas sepulturas...
E vós, do oceano em meio às noites mais escuras,
Marujos do Brasil! chorai vossos irmãos...
E se, perante vós, não sob acobertadas
garantias, alguém achar de amesquinhá-los,
Soldados do Brasil! tiraí vossas espadas...
Não deixais insultá-los!